
Revista de História e Memória mantida por grupos de pesquisa em História sediados nas universidades federais do Rio Grande do Norte (UFRN) e de Sergipe (UFS) e nas universidades Regional do Cariri (URCA) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Luiz Rufino lança novo livro pela Pallas | Foto: [Monica Ramalho](#)

Por uma pedagogia dos terreiros

Resenha de *Pedagogia das Encruzilhadas*, de Luiz Rufino

Recebido em 31/10/2025 e publicado em 20/06/2026

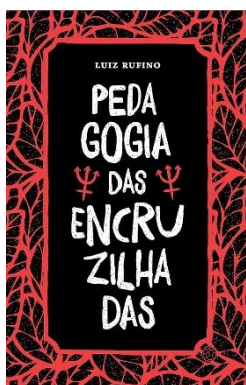
Matheus Alexssander Dias Vicente (UERJ)

Maria e Eduarda Schwartz Araújo (UERJ)

Resumo: *Pedagogia das Encruzilhadas*, de Luiz Rufino, propõe uma pedagogia decolonial fundamentada na encruzilhada, na ancestralidade afro-brasileira e no reencantamento da educação. Ainda que seja caracterizada por uma escrita marcada pela elaboração metafórica, por recorrências argumentativas e por uma elevada exigência de repertório prévio do leitor, é destacada pela potência simbólica, pela originalidade conceitual e pela crítica à racionalidade colonial.

Palavras-chave: decolonialidade; educação; encruzilhada; epistemologia afro-brasileira.

Publicado pela Mórula Editorial em 2019, *Pedagogia das Encruzilhadas*, de Luiz Rufino, é um livro autoral situado nos debates contemporâneos sobre educação, decolonialidade e saberes afro-diaspóricos. Seu objetivo é formular uma proposta pedagógica fundamentada na cosmologia de Exu e nas experiências históricas das populações afro-diaspóricas, questionando a centralidade dos referenciais ocidentais na definição dos saberes legitimados pelas instituições educacionais. A partir dessa crítica, o autor sustenta que populações negras produziram formas próprias de compreender o mundo, transmitir experiências e elaborar processos formativos. Nesse contexto, a categoria da encruzilhada é mobilizada como instrumento para pensar a pluralidade dos conhecimentos e os processos históricos de criação e recriação cultural. No prefácio, Luiz Antonio Simas apresenta a obra como um “ebó cívico”, destacando sua capacidade de confrontar hierarquias epistemológicas e de recolocar no debate educacional saberes historicamente marginalizados.



A obra insere-se em um conjunto de debates que, nas últimas décadas, tem questionado a centralidade dos referenciais ocidentais na produção do conhecimento e buscado reconhecer a legitimidade de saberes historicamente marginalizados. Dialogando com discussões sobre colonialidade, racismo epistemológico e experiências afro-diaspóricas, Luiz Rufino procura refletir sobre os mecanismos que definiram, ao longo da história brasileira, quais formas de conhecimento seriam reconhecidas como legítimas e quais seriam relegadas à condição de superstição, crença ou tradição popular. Nesse contexto, a figura de Exu e a categoria da encruzilhada são mobilizadas como referências centrais para pensar formas alternativas de compreender o mundo, a educação e os processos de produção dos saberes. É nesse horizonte que se desenvolve a hipótese central da obra: a de que os processos coloniais não foram capazes de eliminar completamente os conhecimentos produzidos por populações afro-diaspóricas. Embora a colonização tenha instituído mecanismos duradouros de dominação política, cultural e epistemológica, esses grupos continuaram produzindo estratégias de preservação, adaptação e recriação de saberes. A encruzilhada aparece, nesse sentido, como uma chave interpretativa para compreender os encontros, conflitos, negociações e ressignificações que marcaram historicamente essas experiências.

Luiz Rufino é professor da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ), vinculado ao Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação, e doutor em Educação pela mesma instituição. Sua produção intelectual tem se dedicado às relações entre educação, culturas afro-brasileiras, religiosidades de matriz africana e crítica às hierarquias epistemológicas que historicamente definiram quais conhecimentos seriam reconhecidos como legítimos. Em obras anteriores, como *Fogo no Mato: a ciência encantada das macumbas*, escrita em parceria com Luiz Antonio Simas, o autor já explorava questões relacionadas à ancestralidade, à oralidade e às formas de produção de conhecimento presentes em tradições historicamente marginalizadas pelos espaços acadêmicos e escolares. *Pedagogia das Encruzilhadas* aprofunda essas discussões ao mobilizar a cosmologia de Exu como fundamento para pensar a educação e os processos formativos. Nesse sentido, a obra dialoga com tradições críticas da educação brasileira, ao mesmo tempo em que incorpora referenciais oriundos das filosofias afro-brasileiras e das experiências históricas da diáspora africana. A partir desse movimento, Rufino busca ampliar os referenciais utilizados para compreender a formação dos sujeitos e a produção

dos conhecimentos, questionando concepções universalizantes construídas no interior da modernidade ocidental.

Nos capítulos iniciais da obra, Luiz Rufino apresenta a encruzilhada como conceito estruturante de sua reflexão pedagógica. Ela é concebida como território de encontros, tensões e possibilidades, um espaço em que diferentes experiências históricas, saberes e formas de existência se cruzam sem que uma elimine a outra. Ao mobilizar essa categoria, o autor procura questionar perspectivas fundadas na separação rígida entre verdadeiro e falso, civilizado e bárbaro, centro e margem, defendendo uma compreensão do conhecimento marcada pela pluralidade, pelo movimento e pela transformação constante. Nesse contexto, Exu ocupa posição central como princípio ético, cosmológico e político associado à comunicação, à circulação e à abertura de caminhos, tornando-se a principal referência para uma pedagogia que se constitui no trânsito entre diferentes mundos e experiências.

A partir dessa formulação, Rufino desenvolve outros conceitos que ampliam sua crítica às hierarquias epistemológicas produzidas pela modernidade ocidental. O *cruzo* aparece como o encontro entre saberes distintos, capaz de produzir novas formas de conhecimento sem reduzir as diferenças a uma síntese homogênea. Já o *ebó epistemológico* é apresentado como prática de enfrentamento das estruturas que historicamente atribuíram legitimidade exclusiva a determinados sistemas de pensamento, propondo a abertura para outras formas de produzir e compartilhar saberes. Termos oriundos das religiões de matriz africana e da capoeira, como ginga e giro, também são incorporados à reflexão para enfatizar uma educação fundada no movimento, na reinvenção e na capacidade de responder criativamente aos desafios da experiência histórica. Desse modo, a pedagogia das encruzilhadas é apresentada como uma defesa da pluriversalidade do conhecimento e como uma crítica aos processos que, ao longo da história brasileira, buscaram desqualificar ou subordinar formas de saber produzidas por populações negras, indígenas e outros grupos historicamente marginalizados.

Desde sua publicação, *Pedagogia das Encruzilhadas* recebeu leituras que destacaram principalmente a inventividade conceitual e a dimensão poética da escrita de Luiz Rufino. Entre elas, a resenha de Fábio Giorgio Azevedo (2021) chama atenção para a capacidade do autor de produzir uma gramática alternativa ao vocabulário acadêmico tradicional, mobilizando conceitos como "cruzo", "mandinga", "ginga", "giro" e "ebó epistemológico" para enfrentar aquilo que denomina racismo epistemológico. A leitura proposta por Azevedo é particularmente relevante ao reconhecer que a força da obra não reside apenas em seus argumentos, mas também na maneira como sua escrita procura colocar em prática os próprios princípios que defende, produzindo deslocamentos na linguagem e nas formas de elaboração do conhecimento.

Embora essa interpretação evidencie aspectos centrais do livro, ela privilegia sobretudo seus efeitos estilísticos e sua potência decolonizadora. A análise desenvolvida nesta resenha parte de uma preocupação distinta, sem necessariamente se opor à leitura de Azevedo. Interessa-nos observar como seus conceitos podem contribuir para reflexões no campo da História e da História da Educação. Nesse sentido, categorias como encruzilhada, cruzo e território ganham relevância não apenas como recursos poéticos ou filosóficos, mas como ferramentas para pensar processos históricos marcados por encontros, conflitos, negociações e circulações de saberes. A encruzilhada, por exemplo, não aparece apenas como metáfora da diversidade, mas como um território relacional onde diferentes experiências históricas coexistem, disputam sentidos e produzem novas formas de conhecimento.

Desse modo, se Azevedo enfatiza a capacidade da obra de ampliar os horizontes da crítica epistemológica, a leitura aqui proposta procura explorar suas possibilidades analíticas para a investigação histórica. O interesse desloca-se da criação de uma nova gramática para os usos que essa gramática pode oferecer à compreensão de processos educativos, especialmente daqueles desenvolvidos fora dos espaços formais de ensino.

Assim, apesar de sua força simbólica e política, *Pedagogia das Encruzilhadas* apresenta desafios quando examinada como produção analítica. Rufino privilegia uma escrita marcada pela oralidade, pela circularidade e pela elaboração poética dos conceitos, característica que por vezes dificulta a delimitação mais precisa de suas categorias. Termos como encruzilhada, cruzo, ginga e encantamento operam como conceitos abertos, construídos por associações, deslocamentos semânticos e aproximações sucessivas, o que pode gerar ambiguidades interpretativas e dificultar sua operacionalização em pesquisas que demandam maior rigor conceitual. Soma-se a isso o fato de que a obra pressupõe familiaridade com debates decoloniais, cosmologias afro-brasileiras e tradições culturais que nem sempre são apresentados ou contextualizados de forma sistemática ao longo do texto. Como resultado, a leitura pode se tornar exigente para leitores que não possuem contato prévio com esses referenciais, limitando parcialmente o alcance de algumas discussões desenvolvidas pelo autor.

Para a História da Educação, *Pedagogia das Encruzilhadas* oferece contribuições significativas ao ampliar as possibilidades de compreensão dos processos educativos e deslocar o olhar das instituições formais para os múltiplos espaços de produção e circulação de saberes. A noção de encruzilhada é apresentada como um território de encontros, conflitos, negociações e transformações, permitindo pensar a educação para além da escola, do Estado e dos sistemas oficiais de ensino. De modo semelhante, o conceito de cruzo possibilita compreender a formação histórica não como simples assimilação cultural, mas como resultado de relações complexas entre sujeitos, experiências e conhecimentos distintos. A originalidade dessas categorias reside justamente em sua capacidade de iluminar experiências frequentemente marginalizadas pelas narrativas educacionais tradicionais e de ampliar os referenciais analíticos disponíveis para a pesquisa histórica. Além disso, a articulação entre conceitos oriundos das cosmologias afro-brasileiras e a crítica às hierarquias epistemológicas produz uma reflexão coerente e inovadora, cuja força retórica se manifesta na capacidade de aproximar elaboração conceitual e linguagem poética. Nesse sentido, a obra dialoga com perspectivas que têm ampliado os sujeitos, as fontes e os problemas da pesquisa histórica, aproximando-se de debates presentes tanto na História Social quanto em campos como a Nova História Indígena, que buscam compreender a agência dos sujeitos e suas formas próprias de produzir, transmitir e transformar conhecimentos.

Por fim, *Pedagogia das Encruzilhadas* cumpre os objetivos anunciados por Luiz Rufino ao questionar a centralidade das epistemologias ocidentais e propor uma reflexão educacional fundamentada em saberes afro-diaspóricos e na cosmologia de Exu. Embora a obra apresente desafios relacionados à delimitação conceitual de algumas categorias e exija familiaridade prévia com determinados referenciais culturais e teóricos, suas contribuições superam essas limitações ao oferecer novas possibilidades para pensar a produção, a circulação e a transmissão dos conhecimentos. Ao ampliar os horizontes da discussão sobre educação, formação e colonialidade, o livro se mostra particularmente relevante para pesquisadores e estudantes das áreas de Educação, História, História da Educação, Ciências Sociais e Estudos Afro-Brasileiros, bem como para leitores interessados em debates sobre

decolonialidade, culturas afro-diaspóricas e outras formas de produção de conhecimento historicamente marginalizadas.

Referências

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. 164p.

AZEVEDO, Fábio Giorgio. Pedagogia das encruzilhadas: mandingas e riscados. *Revista de Psicologia, Fortaleza*, v. 12, n. 2, p. 217-219, jul./dez. 2021. Resenha da obra de: RUFINO, Luis. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019. 164 p.

<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/60834>

Sumário de *Pedagogia das encruzilhadas*

Crédito / Nota introdutória

A primeira pedra lançada

Yangí, Exu Ancestral: o ser para além do desvio

O colonialismo venceu?

Obá Oritá Metá: a dúvida como possibilidade, sabedoria de fresta

Exu: traquinagem e esstripulia, resiliência e transgressão necessária

Intérprete do mundo, a encruza e o preto velho

Axé e Exu: aquele que carrega o fundamento da vida

Para que e para quem uma Pedagogia das Encruzilhadas?

Cruzo, arte de rasura e invenção

Rolê e ebó epistemológico

Assentamento, terreiro e encruzilhada

Povo de Rua: praticar espaços e cuspir antidisciplinas

A dobra da palavra: marafundas coloniais, o encanto contra a desmacumbização

O arrebate do corpo, a ênfase no saber corporal

Tudo que a boca come: incorporações e mandingas

Corpo Encruzilhada: das humilhações ao enfrentamento mandingueiro

Referências / Sobre o autor

Resenhistas



Matheus Alexssander Dias Vicente é mestrando em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), graduado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). ID Currículo LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5906838297216015>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2354-1891>; e-mail: mattt.vicente@gmail.com.



Maria Eduarda Schwartz Araújo é graduanda em Pedagogia e bolsista de Iniciação Científica pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). ID Currículo LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4238165579608046>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0321-2015>; e-mail: mariaedschwartz2003@gmail.com.

Para citar esta resenha

VICENTE, Matheus Alexssander Dias; ARAÚJO, Maria Eduarda Schwartz. Por uma educação dos terreiros. Resenha de: RUFINO, Luiz. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. 164 p. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 29, p. 6-11, maio / jun., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).